

# **A PERCEPÇÃO DOS AUTÓCTONES QUANTO ÀS MUDANÇAS SOCIOCULTURAIS NO TURISMO RURAL: UM ESTUDO DE CASO NA FAZENDA POUSADA DO CAVALINHO**

Ana Maria Costa Beber - Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Mestre em Turismo e Docente no Curso de Turismo do Centro Universitário Metodista

IPA - galáxia\_ana@hotmail.com

Margarita Barretto- Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, graduação em Turismo; pesquisadora do CNPq; docente e pesquisadora da Universidade Regional de Blumenau

– FURB –barretto@floripaturbo.com.br



**Colóquio Ibérico de Estudos Rurais**  
**Cultura, Inovação e Território**

**Coloquio Ibérico de Estudios Rurales**  
**Cultura, Innovación y Territorio**

**Coimbra, Portugal**

**Outubro / Octubre 23-25, 2008**

**Comunicação apresentada no VII CIER – Cultura, Inovação e Território**

**Resumo:** Este tem como objetivo apresentar algumas modificações socioculturais ocorrentes no núcleo familiar autóctone da *Fazenda Pousada do Cavalinho* na perspectiva dos protagonistas, a partir da introdução do turismo rural. A propriedade selecionada está situada no município de São José dos Ausentes, nos Campos de Cima da Serra, nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Trata-se de um estudo de caso, com base em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Definiu-se a técnica de observação participante e entrevistas semi-estruturadas para obtenção de informações sobre a realidade da comunidade familiar autóctone em seu próprio contexto. Os dados coletados através das técnicas apontadas foram transcritos em categorias de análise que corresponderam a: substituição de atividades tradicionais; transformações nas rotinas de trabalho; mudanças no tempo dedicado à família e formas de relacionamento; alteração na alimentação; mudanças estéticas e de higiene; mudanças na comunicação verbal; variações nas atividades sociais. Este estudo mostra que o turismo se constitui como alternativa de renda para as propriedades rurais brasileiras e é uma atividade capaz de gerar modificações na cultura dos anfitriões.

**PALAVRAS-CHAVE:** turismo rural; cultura; pluriatividade; Brasil; São José dos Ausentes.

## 1. INTRODUÇÃO

O meio rural brasileiro a partir da década de 80 do século XX inicia um processo de mudanças nas atividades relacionadas com o sustento econômico de suas propriedades. Uma das atividades que surge é o turismo rural, que passa a desempenhar papel relevante como alternativa de renda, fixação dos sujeitos no campo, entre outros, além de constituir-se em espaço de lazer ao sujeito urbano. Neste contexto, o meio rural passa a desempenhar uma nova função, a turística, que corresponde a uma mudança econômica, social, cultural e política, envolvendo novos sujeitos, o turista e o autóctone. Dessas relações surgem novas estruturas culturais familiares que passam a caracterizar as propriedades envolvidas com o fenômeno turístico, trazendo consigo novos significados aos sujeitos rurais e ao mundo rural que se torna turistificado.

Neste contexto, este artigo traz resultados da pesquisa de campo realizada para a dissertação de Mestrado em turismo defendida na Universidade de Caxias da Sul, no ano de 2004. O estudo tem como objetivo apresentar algumas mudanças ocorridas no núcleo familiar autóctone a partir da introdução do turismo rural na perspectiva dos protagonistas. A propriedade selecionada para a análise foi a “*Fazenda Pousada do Cavalinho*”, situada no município de São José dos Ausentes, região dos Campos de Cima da Serra, nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Os dados deste estudo foram coletados no período de 2002 a 2004 e trata-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, com base em pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. As técnicas de coleta de dados foram a observação participante, que permitiu a vivência e registro dos comportamentos dos protagonistas em contato ao turista e também convivendo apenas no seu núcleo familiar. Também foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas, estas se realizaram depois de estabelecida relação de confiança entre pesquisadoras e pesquisados e ocorreram em duas etapas com todos os sujeitos envolvidos, com o intuito de aprofundar as informações. A definição do horário e local das entrevistas era decidida pelos pesquisados.

Os dados coletados através das técnicas apontadas foram transcritos em categorias de análise que corresponderam a: substituição de atividades tradicionais; transformações nas rotinas de trabalho; mudanças no tempo dedicado à família e formas de relacionamento; alteração na alimentação; mudanças estéticas e de higiene; mudanças na comunicação verbal e variações nas atividades sociais.

Como forma de proteger a identidade dos sujeitos envolvidos e da propriedade estudada, optou-se, neste estudo, pela utilização de nomes fictícios.

## **2. O MEIO RURAL BRASILEIRO**

O meio rural brasileiro vem sofrendo uma crise agrícola que, segundo Silva (2002), está representada basicamente na queda dos preços dos principais *commodities*, como suco de laranja, café e grãos, além dos imóveis rurais, impondo limites para a expansão das tradicionais atividades agropecuárias. É a partir desse contexto que as novas atividades rurais aparecem,

altamente intensivas e de pequena escala, oportunizando alternativas rentáveis para os pequenos produtores.

Os anos de 1990 foram marcados pela destituição de instrumentos da política agrícola tais como a garantia dos preços mínimos e dos estoques reguladores e a redução do crédito agropecuário (instituído pelo presidente Fernando Collor). Além disso, nesse período houve uma queda nos gastos públicos relativos à infra-estrutura e à pesquisa agropecuária, além da abertura comercial que acarretou dificuldades de competição com os produtos internacionais, pelo fato de estes serem subsidiados pelos seus países de origem. É importante salientar que, a partir de 1994, houve uma relativa melhora neste quadro, porém ainda existem problemas, como o da política nacional de taxação inadequada dos produtos importados (subsidiados), já que estes apresentam preços internacionalmente mais competitivos que os dos nossos. Dessa forma, o produto importado torna-se mais atraentes para a indústria nacional. Além disso, essa limitação é acrescida da problemática ocasionada pela taxa de câmbio sobrevalorizada, o que torna as importações mais baratas e não incentiva as exportações. (SILVA, 2002)

Além dessas questões, Silva (2002) relata que, a partir dos anos de 1980, no Estado de São Paulo, a dinâmica dos empregos já não podia mais ser explicada através das atividades agropecuárias tradicionais. Para essa explicação era preciso incluir novas variáveis, como turismo, lazer, moradia, parques com atividades relacionadas à conservação e preservação ambiental, ou seja, as atividades não-agrícolas que surgem da crescente urbanização do meio rural. Ainda é possível reconhecer um conjunto de novas funções que o meio rural passa a representar como o dos pequenos negócios intensivos (a piscicultura, a horticultura, a fruticultura de mesa, a criação de pequenos animais), que visam nichos de mercado específicos.

A pluriatividade torna-se, então, uma alternativa para a fixação do homem no campo, tanto como fonte de renda e emprego como para o aumento da qualidade de vida da população rural. As novas atividades surgem da necessidade de redimensionamento do meio rural, deixando de ser visto apenas como fonte de produção primária e de larga escala, onde apenas o latifúndio consegue manter produtividade e lucratividade no campo, para construir uma nova realidade não excludente e fixadora da população no meio rural. (SCHNEIDER, 1996)

Portanto, as modalidades do turismo no espaço rural, o turismo no meio rural, o turismo rural, o agroturismo, o turismo ecológico, o ecoturismo, o turismo de aventura e o

turismo de pesca esportiva, entre outros tipos, nascem da necessidade de diversificação da produção rural, ou seja, da reconceitualização que esse meio vem sofrendo nas últimas décadas e também pelo novo significado que a natureza vem apresentando para a humanidade. O desenvolvimento de tais atividades no espaço rural como forma de turismo está vinculada ao progresso social, econômico, cultural e político de âmbito rural, iniciado na Europa e logo absorvido pelos Estados Unidos da América e pelo Canadá.

### **3. TURISMO RURAL E MUDANÇA SÓCIO-CULTURAL**

O surgimento e desenvolvimento da atividade turística no espaço rural estão diretamente relacionados com o momento histórico em que a sociedade passou a refletir sobre a crise ambiental do planeta no final do século XX. A partir disso, surgem várias tipologias que buscam conceituar o fenômeno, como turismo rural, turismo no espaço rural, turismo no meio rural, turismo em áreas rurais, agroturismo e turismo verde. Cada um destes conceitos apresenta particularidades, porém todos os conceitos apontam o turismo como um meio de combate ao êxodo rural, de proteção de áreas naturais, de geração de emprego e renda e valorização do patrimônio cultural local.

Tratar-se-á do conceito de turismo rural pois é o conceito chave deste estudo. O turismo rural de acordo com o documento oficial do Ministério do Turismo define-se como “o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade” (DIRETRIZES PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO RURAL NO BRASIL, 2004, p.07).

Segundo Cals, Capella e Vaquè (1995) o turismo surge como resposta à degradação ambiental e marginalização das áreas rurais, constituindo-se como alternativa de melhoria da qualidade de vida destas populações através da oferta de serviços turísticos que sejam capazes de gerar renda, de fortalecer a cultura rural local e de preservar espaços naturais. Santana (1997) defende que o turismo rural foi implantado como modelo alternativo ao turismo de massas para países em desenvolvimento e está sendo utilizado desse modo, como complemento da oferta de destinos massificados. O autor acrescenta que, em termos gerais, o turismo rural deve atender as premissas do desenvolvimento sustentável, gerar efeitos

eminentemente positivos, incluindo a população local como atores culturais, devendo ser monitorado e promovendo, através de encontros espontâneos, a participação e o contato intercultural.

Cavaco (2001) relata que em Portugal o Turismo em Espaço Rural surge como uma alternativa aos problemas de desenvolvimento das zonas rurais, ou seja, o êxodo rural; a rarefação da população; seu envelhecimento (com problemas de sucessão em decorrência dos problemas agrícolas); os baixos níveis de poder de compra; a decadência do comércio e dos serviços das vilas e aldeias; a ausência de perspectivas quanto ao futuro das atividades dominantes (os cultivos, a criação de gado e a produção florestal); o pouco dinamismo das comunidades e instituições rurais (cooperativas), além da falta de iniciativas de diversificação das economias familiares locais excluídas do mercado local e global.

A partir do desenvolvimento da atividade turística no meio rural percebe-se que ocorre uma série de mudanças nas comunidades receptoras. Martínez e Monzonís (2000) destacam que o turismo rural apresenta efeitos positivos e também negativos. Entre os efeitos positivos os autores consideram a contribuição para a reativação econômica das zonas deprimidas; a melhoria nas condições de vida da população local; a geração de renda complementar; a incorporação da mulher ao trabalho remunerado; a estabilização da população local no ponto de vista demográfico; a conservação ou recuperação do patrimônio arquitetônico tradicional; a conservação do meio físico e o enriquecimento cultural da população local. Nesta mesma perspectiva, Almeida (2000) relata como benefícios ao produtor rural o aumento e diversificação de renda; a ocupação de mão-de-obra relativamente ociosa e a interação social e cultural com um público de alto nível social e educacional e, enfatiza o aproveitamento racional dos espaços ociosos.

Como efeitos negativos Martínez e Monzonís (2000) destacam o abandono das atividades tradicionais por parte da população local; a degradação do ambiente natural; o aumento do risco de poluição; a deterioração da cultura autóctone; a aparição de tensões entre vizinhos e turistas; a padronização do modo de vida e por fim, a perda do caráter rural aproximando essa área da própria sociedade urbana.

Santana (2002) acrescenta que nem todas as áreas onde se desenvolve o turismo rural respeitam a premissa de responsabilidade social, cultural e ambiental, gerando efeitos não desejados nas áreas e nas populações onde acontece. O autor lembra ainda que a perspectiva do turismo rural como salvador das culturas frágeis e dos espaços rurais em decadência é

complexa, pois essa atividade é um complemento e não o único fator de desenvolvimento do meio rural.

Nas ocasiões em que o desenvolvimento turístico é viável e exitoso, existem implicações importantes que se referem à sobrecarga do espaço físico e cultural. O alto número de turistas, a alta frequência sazonal de visitas e o excesso de desenvolvimento das instalações, desde alojamentos a centros orientados a atividades, ocasionam rapidamente a sobrecarga. Os efeitos dessa ordem segundo Santana (2002) provocam a depreciação estética e as modificações no valor do uso dos recursos, principalmente quando se trata de recursos de caráter geral, ou cuja propriedade individual não está claramente definida, sendo suportados pelos residentes locais como custos econômicos. É esse tipo de mudança que pode desestabilizar socialmente a população. Portanto, a experiência que o turista demanda exige que o turismo rural seja de função e escala baseado nas tradições e raízes locais.

### 3.1 MUDANÇA CULTURAL

Percebe-se que a forma pela qual o desenvolvimento turístico e as interações entre turistas e autóctones ocorrem nas áreas rurais é determinante quanto aos tipos de mudanças culturais que ocorrem na comunidade. Essas mudanças implicam em impactos e segundo Santana (1997) os impactos sócio-culturais são “*impactos sobre la gente*”, ou seja, os efeitos sobre os residentes habituais e fixos da comunidade anfitriã têm associações diretas e indiretas com os visitantes. O impacto social inclui as mudanças mais imediatas na qualidade de vida, interferindo a longo prazo nas normas sociais, na cultura material e na linguagem.

Além dos fatores apontados por Santana, Grunewald (2001) afirma que uma mudança cultural é qualquer alteração na cultura, seja no que se refere aos traços ou a padrões, sendo que esta acontece atrelada a diversas variáveis, as quais contribuem para o processo de desestruturação das culturas autóctones particulares. Dentre elas podem ser citadas a modernização, a mídia, a urbanização, a tecnologia e o turismo. Contudo, o autor ressalta que o turismo pode ser um agente destrutivo ou construtivo às respostas positivas de reforço da identidade do grupo e de outros aspectos relacionados à cultura local.

Araújo (in BANDUCCI e BARRETTO, 2001) defende a idéia de que o contato entre a cultura do visitante e a cultura do visitado produz um processo de contradições, tensões e

questionamentos, mas que, de forma sincrônica ou diacrônica, provoca o fortalecimento da identidade<sup>1</sup> e da cultura destes indivíduos, principalmente na comunidade autóctone. De outro lado, esta interação também fortalece a identidade do próprio turista que, na alteridade, pode se redescobrir.

Smith (1989) afirma que o turismo é muitas vezes um movimento de duas vias, pois se por um lado gera novos postos de trabalho e incrementa o fluxo de dinheiro, por outro, o próprio turismo, se mal administrado, pode se constituir em uma carga física e social, ao aumentar desproporcionalmente seu número. Neta mesma perspectiva Cohen (apud SANTANA, 1997) –1974/1979– alerta para a existência de diferentes modalidades de turistas e de experiências concretizadas por estes, sendo que cada experiência realizada por um tipo específico de turista ocasiona interferências e reações nas culturas com as quais interage. Contudo, isso depende do tipo de desenvolvimento turístico. As análises demonstram que, em casos concretos, a relação que se dá entre as culturas é assimétrica, ou seja, a cultura local mostra-se inferior à cultura do visitante.

Quanto aos estudos relacionados às mudanças em destinos turísticos rurais, Peres (1999), afirma que nos últimos anos tem ocorrido uma grande mudança na base da economia de muitas comunidades rurais. Comunidades que foram impulsionadas por atividades primárias tais como a agricultura, a pecuária e a indústria volúvel estão em busca de fontes alternativas de desenvolvimento. Relata a autora que estudos recentes desenvolvidos a esse respeito identificam a sustentação desses impactos nas categorias de desenvolvimento turístico. Peres destaca que os tipos e alcances dos impactos dependem de certos fatores tais como: o volume e a concentração turística; o tipo de turistas; o tipo e contato que se estabelece com os visitantes; a velocidade do crescimento turístico; o nível de qualidade de vida inicial dos residentes.

Santana (1997) reforça a idéia de que as diferentes viagens pelo mundo oferecem oportunidades de ver, observar e, poucas vezes, participar de culturas e modos de vida diversos aos olhos do turista. Sendo o turismo rural traz consigo impactos de caráter econômico, físico, espacial e outros sobre o entorno social e cultural, que tendem, através da atividade turística, reestruturar a sociedade e homogeneizar a cultura como fenômeno urbano.

---

<sup>1</sup> “Identidade, enquanto propriedade distintiva que diferencia e especifica grupos sociais, precisa ser modelada a partir de vivências cotidianas, assim como a relação com os pais, nos primeiros anos de vida, é determinante na construção da identidade individual, as primeiras vivências e socializações culturais são cruciais para a construção de identidades sociais, sejam elas étnicas, religiosas, regionais ou nacionais” (OLIVEN, 1999: p.31).



#### 4. FAZENDA POUSADA DO CAVALINHO

A “Fazenda Pousada do Cavalinho” é uma propriedade rural familiar com uma área de 600 há e está localizada no município de São José dos Ausentes, no Estado do Rio Grande do sul, Brasil. Como atrativos apresenta cercas de pedra, acesso a dois rios de águas límpidas e transparentes, áreas de mata Atlântica com xaxins e araucárias seculares, lagos naturais com lambaris (peixe considerado típico da região). Além dos atrativos naturais, a pousada oferece ao turista passeios a cavalo e a possibilidade de integrar-se a vida do campo através da participação em atividades como vacinação do gado, ordenha e as lidas diárias do campo. Contudo, o principal atrativo da pousada é a pesca esportiva de truta americana e o frio típico da região, que apresenta as temperaturas mais frias do Estado, com nevascas frequentes.

A Fazenda Pousada é uma propriedade familiar, sendo que sua estrutura, no momento da pesquisa, estava composta por seis pessoas<sup>2</sup>: Cristiano (65 anos) e Maria (62 anos) pais de Mariana, hoje herdeira da propriedade e esposa de Rafael (45 anos). O casal tem dois filhos, Arthur (19 anos) e Patrícia (11 anos). A propriedade pertence à família há seis gerações e até a abertura da Pousada mantinha tradicionalmente a pecuária como atividade produtiva.

A atividade turística inicia na Fazenda como alternativa de renda devido às dificuldades em que esta vinha sofrendo e que resultava de uma crise na pecuária extensiva no Brasil. Pode-se verificar esta afirmação a partir da fala de Rafael:

*[...]”Eu, no meu entender foi assim, começou pela dificuldade com a pecuária, hoje tu não sobrevive com a pecuária de forma nenhuma, [...]Mas eu no meu ver, o que aconteceu exatamente naquela época, é que eu não ia mais sobrevive com as despesa que se tem com a pecuária, nós não ia tá morando aqui hoje, isso é a coisa mais certa que tem. [...] a grande motivação para nós foi achar uma forma da gente permanecer aqui”i.*

O sustento da propriedade naquele momento se dava a partir da produção de queijos, já que a propriedade dispunha de 30 vacas para ordenha. Além deste recurso a família vivia também da renda da aposentadoria de Cristiano e Maria. Contudo, a situação tornava-se insustentável, a crise da pecuária somava-se a falta de infra-estrutura básica, tanto de acessos

---

<sup>2</sup>COSTA BEBER, Ana Maria. As mudanças socioculturais no turismo rural: o caso de uma pousada familiar. Dissertação de mestrado, Caxias do Sul, RS: 2004.

como de escolas rurais e devido a estas carências Maria e Cristiano mudam-se para a cidade com os netos, Arthur e Patrícia, a fim de possibilitar sua educação, já que ambos estavam em idade estudantil e não dispunham de escolas próximas. Neste momento estava na Fazenda apenas o casal Mariana e Rafael.

Foi neste contexto que a família decidiu iniciar suas atividades turísticas e, em 1997 a Fazenda abre como Fazenda Pousada utilizando a infra-estrutura existente, ou seja, a casa dos proprietários passou a hospedar também os turistas. O quarto de hóspedes e dos familiares passou a alojar os turistas. Segundo a proprietária, o investimento inicial foi em colchões, lençóis e travesseiros. As reservas eram feitas pela Prefeitura Municipal, pois na Pousada não havia telefone e a luz elétrica era produzida na propriedade por gerador a óleo. Uma das preocupações no momento foi na escolha dos alimentos que seriam servidos aos turistas, tanto nas refeições como nos outros períodos do dia.

O sucesso econômico do empreendimento possibilitou a compra de um carro e com isso houve o retorno dos membros familiares Cristiano, Maria, Patrícia e Rafael a propriedade. O problema de acesso à escola havia sanado devido ao recurso propiciado pelo turismo (carro), além disso, a Prefeitura Municipal havia melhorado as estradas do e fornecido acesso à luz elétrica e rede telefônica a área rural pertencente à propriedade.

A atividade turística, segundo Mariana, permitiu a ampliação da Fazenda Pousada em 2001, que passou a hospedar 21 pessoas/dia, contando então com mais dois quartos/unidades habitacionais, três banheiros e uma sala de jantar com capacidade para 50 pessoas. A partir desta ampliação o empreendimento passou a ter uma infra-estrutura de sete quartos, três banheiros, uma sala de jantar ampla, uma sala de estar, uma cozinha principal, uma cozinha auxiliar e uma dispensa. Contudo, a ampliação não sanou o problema de falta de unidades habitacionais e o casal Cristiano e Maria deixaram de viver na casa principal, deixando seu quarto para os turistas e passaram a morar em uma construção anexa a casa, utilizada antigamente como depósito de alimentos e que foi transformada em quarto de dormir para o casal. A casa também conta com uma área reservada para a guarda de material de pesca esportiva.

Com a entrada de recursos econômicos advindos do turismo rural os proprietários ressaltam que houve a possibilidade de revitalização da pecuária, a Fazenda passou a ter um rebanho de aproximadamente 300 animais.

Figura 1: Fazenda Pousada do Cavalinho: cachoeiras, interior da casa e jardim.



Fonte: Ana Maria Costa Beber

Figura 2: Fazenda Pousada do Cavalinho



Fonte: Ana Maria Costa Beber

## 5. AS MUDANÇAS CULTURAIS NO TURISMO RURAL: O CASO DA FAZENDA POUSADA DO CAVALINHO

Esse estudo é marcado por características específicas, já que a Fazenda Pousada do Cavalinho desenvolve o turismo rural tendo como principal finalidade a complementação de renda de seus proprietários. Para tanto, tal atividade é desenvolvida através da oferta de serviços de hospedagem na casa dos proprietários, caracterizando-se pela valorização da culinária local,

da oportunidade da pesca esportiva, além de atividades de lazer tais como cavalgadas, caminhadas pela fazenda, entre outras.

A percepção dos residentes a respeito do turismo rural é a de que eles poderiam desenvolver mais atividades de recreação na Fazenda Pousada, porém, justificam a ausência dessas pela falta de mão de obra familiar, fator considerado de fundamental importância. Além disso, acreditam que o turismo rural é solto, sem horários, valorizado pelo fato de que o turista não tem compromisso com nada, procura essa alternativa de descanso para fugir da obrigatoriedade que as cidades impõem, e de que buscam ser bem atendidos.

Pode-se apontar que houve mudanças na produção local tradicional, a pecuária, que se revitaliza pelo incremento de renda advindo do turismo, acresce-se a isso o fato de, atualmente, existir plantação de pastagem (2 hectares de azevém), o que antes do turismo não era possível adotar, que possibilita alimentar o gado no inverno. Contudo, a rotina de trabalho também se altera, como se pode perceber a partir da seguinte fala:

*[...]" hoje, tudo é feito, tudo planejado e programado de acordo com o turista que tá vindo aqui. Ah, vamos banhar o gado, que é um trabalho da pecuária, que é uma atividade primária e primeira; hoje não, hoje nós não podemos porque tem tal coisa pra fazer com a pousada. Então tudo é planejado e programado primeiro na pousada pra depois a gente pensar no que vai acontecer com o resto".*

Essa situação é possível pelo fato de que o turismo rural da *Fazenda Pousada Potreirinhos* não oferta de forma integral atrativos ou produtos diretamente ligados as atividades produtivas tradicionais como, por exemplo, a oferta de lides no campo, banho do gado, vacinação, entre outras atividades. Essas atividades ocorrem na fazenda pousada, como é possível perceber pelo relato, porém apenas quando a pousada está vazia, já que estas atividades não estão em primeiro plano. Contudo, é necessário considerar que esses trabalhos exigem a participação de praticamente todos os membros da família, ou seja, as atividades primária e secundária, de certa forma, entram em choque com as relativas à recepção dos hóspedes, impossibilitando a realização de ambas simultaneamente. Enfim, a não visualização das atividades tradicionais do ponto de vista do atrativo turístico pode dar a falsa impressão aos protagonistas de que esta não é importante aos olhos do turista.

O retorno dos familiares que estavam na cidade, Cristiano, Maria e Patrícia, supriu parte da necessidade de mão-de-obra que o turismo criou, sendo que Cristiano retorna à Fazenda

desempenhando sua antiga função, referente às atividades do campo, e a de guia dos turistas nos passeios a cavalo, além de ser o responsável por transportar Patrícia até a escola, Maria, torna-se responsável pela alimentação na Pousada Fazenda, Patrícia torna-se a responsável por servir a bebida dos turistas durante a refeição. Fato este que confirma que o turismo ocupa a mão-de-obra familiar ociosa.

Em relação aos horários, percebe-se na fala de Maria que houve uma mudança bastante profunda. No período anterior ao do desenvolvimento do turismo, os familiares tinham como hábito fazer as refeições em horários pré-determinados e com a presença de todos os membros, o que se constituía em momento de integração familiar.

*“Ao meio dia era servido o almoço, não tinha esse negócio: vamos esperar um pouquinho. Meio dia todo mundo tava para almoçar. O horário da janta era a mesma coisa, era muito certinho. Tinha muita coisa porque tu tinha o queijo pra fazer, levantava de madrugada, ia direto tirar o leite; às 8 horas da manhã tava tudo pronto, tudo organizado e a casa arrumada.[...] “A gente sempre pensou no turista em primeiro lugar, até então o tipo que a família seguia era assim, tinha horário, quando o turista começou a vir a gente deixou de pensar o jeito da gente, por exemplo o horário era ele que fazia. Então a gente se adecoa ao horário da pessoa que tá aqui na Pousada, nós aqui não a gente não tem horário enquanto não chega o turista, porque quando ele chega ele determina o horário, nós tamo aqui pra praticamente obedecê às ordens do pessoal que tá aqui, eles vem pra isso. É, nos horário de dormi a gente não tem horário certo pra dormir, pra comer, porque primeiro serve o turista, diferenciou bastante.”*

Quando os protagonistas relatam que não têm mais horário para dormir ou para comer, indicam uma mudança cultural nos padrões que permeavam as relações familiares. Hoje, a cultura turística (sem horário e, por isso, mais flexível) é mais importante que a cultural autóctone. Além disso, os horários não estão mais ligados à vida do campo, mas sim determinados pelas demandas da atividade com o turismo. Além disso, muitas mudanças estão relacionadas com a higiene que o trabalho requer, como se observa:

*“Antes era assim, tu procurava usar as roupinhas que tu não saia né, as roupas assim de casa, roupa que tu não usava pra sair, que tu usava pro serviço da fazenda. E hoje não, hoje tu procura usar uma roupinha um pouco melhor, a roupa, a toca que não se usava antes, o avental que era costume, se tinha costume de fazer comida com o avental, mas hoje praticamente a gente passa o dia inteiro, então coisas assim que por exemplo, se tivesse um turista hoje aqui eu estaria de avental, então o turista influencia na toca, no avental, tudo é quando eles estão aqui né”.*

Na alimentação, percebe-se que houve uma mudança quantitativa nos tipos de alimentos que são servidos, porém não na sua essência. Além disso, o turismo exigiu a existência do café da manhã e da tarde (que é chamado pelos autóctones de mistura), que não

era hábito da família. O relato de Maria, responsável pela alimentação, esclarece sobre a novidade:

*“Os mesmos tipos de comida, só que antes a gente fazia um e de repente levava quantos dias pra fazer a mesma, porque no costume a gente faz salada, sempre a gente fazia bastante, fazia bastante iguaria de salada, mas no normal era arroz, um guisado com batata, uma carne assada, uma coisa assim. Hoje em dia eu procuro botar seis qualidade de comida na mesa, se não tem seis a gente tá achando que não fez bem, né. É assim quando era pra nós, assim uma carne assada com pirão, uma coisa, uma carne assada com salada, então mudou bastante”.*

As atividades sociais realizadas pelos familiares na Fazenda antes de iniciar com a Pousada era intensa. Os proprietários relatam que tinham compromissos programados todo o final de semana, pois havia muitas festas e bailes, sendo feitas com frequência visitas aos parentes e vizinhos, além das viagens feitas para Bom Jesus<sup>3</sup> tanto para passear como para visitar os seus familiares que moravam na cidade. Havia reciprocidade dos parentes, que também faziam visitas à casa dos familiares da Fazenda, por isso a residência sempre recebia parentes e vizinhos:

*“Ah, antes era mais fácil, a gente dizia vamos na casa do fulano, às vezes eu dizia pras minhas irmãs, sobrinha, ah, hoje vamos abate uma reiz, vamos comer uma carnhinha, um arroz, uma canastra, alguma coisa. Eles já vinham e nós já jogava.”*

Os familiares da Fazenda Pousada antes do desenvolvimento do turismo tinham o hábito de juntar-se pra que Cristiano (avô) e Arthur (neto) tocassem gaita, era o baile familiar, muitas vezes com vizinhos e parentes como convidados. A música é uma tradição na família dos protagonistas, explica Cristiano. Contudo, a partir da introdução do turismo, os bailes só acontecem quando há efetivamente turistas.

Quanto aos aspectos de interação entre visitantes e visitado, Mariana relata que:

*“não se consegue conversar, não se tira esse tempo. Essa é uma grande perda que a gente sente; ou é aquele tempo assim, ou tu desce lá embaixo que tem aquela cozinha lá embaixo, ou tu desce e conversa, ou tu não conversa, não se tira esse tempo para (...) ou tu conversa na frente do próprio turista, pergunta, ‘oh, como foi a aula?’, como não foi, ou da uma fugidinha, mas não se tira tempo pra conversar, eu acho que é uma das grandes perdas, não sei se os outros são assim que nem eu, mas eu acho que com o tipo de turismo que a gente faz, de ficar com ele dentro de casa vinte e quatro horas por dia, essa é a coisa que mais a gente perde. Mas também tem o lado que a gente ganha, é o que eu digo toda perda tem o lado que a gente ganha. Então é uma coisa que tu te habitua de conversar coisas que, por isso que eu digo que o turista informa a vida dele pra gente e a gente*

---

<sup>3</sup> Cidade vizinha a São José dos Ausentes, local onde a família era proprietária de casa de moradia.

*informa a vida da gente pra ele, pelo fato de a gente não ter tempo de estar conversando escondido, ou longe ou não tirar o tempo, então o que acontece, o turista, ele se integra na vida da gente e isso faz com que a gente se integre na vida dele também.”[...] (...). Tem situações que tu aprende a lidar com o turista junto contigo, tu não pode por exemplo assim, a família é a família e o turista é o turista, o turista e a família eles complementam um o outro”.[...] a vida da gente, o dia-a-dia da gente está exposto pras pessoas que estão aqui”.*

Outro elemento importante, nesse contexto, é a estrutura física da residência da Potreirinhos, modificada no momento em que o turismo passa a ser uma das atividades principais da fazenda. Antes do turismo, cada familiar tinha seu respectivo quarto, e mesmo assim havia dois quartos que eram destinados aos visitantes. Contudo, a partir da transformação em Pousada, a residência deixa de ter quartos individuais para cada residente, sendo destinados aos turistas, Maria relata que:

*“O meu quarto, por exemplo, quando começou, eu daí não dormi mais no meu quarto, primeiro dia que foi ocupado meu quarto com os turista, daí eu e o O. dispusemos de deixar nosso quarto ali e parti pra outro né, que o turista ficava acomodado melhor no nosso quarto e nós fomos pra outro.” Sobre a mesma questão O. diz: “Mudou, mudou muito, inclusive o meu quarto hoje é dos turistas, e aqui, por exemplo, nós comemos lá, até na cozinha de baixo quando tem bastante gente aqui e a gente serve a refeição do pessoal, fica prosando aí, e a gente come pra lá, né.[...] antes eu chegava aqui fumava meu cigarro às vezes por aí, e perto dos turista assim, não fumo.*

Em relação aos quartos dos familiares e dos turistas, aparece outro elemento de mudança a partir da fala de Mariana:

*“meu ponto de vista é esse eu não gosto que os turista ocupem os quartos porque cada um tem seu cheiro, seu gosto, mas na medida do possível, se eu não tenho como conciliar outro lugar, não tem nenhum problema para mim (...). É normal já, a primeira vez que aconteceu de eu ter que dar o meu quarto, a minha preocupação era por exemplo, tá as minhas roupas lá, eu tenho que tirar toda a minha roupa e coisa, pra poder vestir e coisa assim, aquela preocupação normal e boba de cada um. Hoje não eu não tenho assim, eu consigo, por exemplo o último rapaz que teve no meu quarto foi, ele escreveu um livro, deu a volta ao mundo, ele deu o livro pra gente sabe, e ele veio de última hora. As vezes acontece de ligar alguém e insistir – de um jeito., se vire que nós vamos do mesmo jeito. Então essa é a preocupação que eu tenho sabe, mas se eu tiver mais 10 quartos ali do lado, vai acontecer a mesma coisa”.*

## 5. CONCLUSÕES

A “Pousada do Cavalinho” mostra um exemplo claro das dificuldades e oportunidade criadas pelo desenvolvimento do turismo numa propriedade rural, com a especificidade de convívio direto entre turistas e autóctones, que se dá pela oferta de hospedagem na residência familiar. O resultado desta pesquisa confirma muitas das afirmações trazidas nas pesquisas realizadas por Santana, Almeida, Peres, Cavaco, entre outros autores, o que demonstra que há um modelo de turismo rural sendo implantado em áreas rurais de diferentes países e que os resultados deste, em termos de mudanças culturais, está bastante próximo. A questão que se coloca está na base desta discussão é se a variável cultural está se colocando em questão no planejamento da atividade ou apenas se coloca como um produto finalizado e estático do mundo rural a ser ofertado para o mundo urbano?

A premissa do desenvolvimento rural com base na atividade turística pressupõe interação entre as variáveis econômica, social, política, ambiental e cultural. A partir do caso analisado, percebe-se que existem dimensões bastante diferentes entre elas, já que a variável econômica vem se apresentando com maior destaque e, em muitos momentos sucumbe os aspectos relacionados à variável cultural. Contudo, não se pode deixar de analisar os aspectos históricos do meio rural brasileiro e constatar que o equilíbrio destas variáveis para o desenvolvimento do meio rural passa pelo próprio conceito de desenvolvimento e do papel que este espaço cumpre na sociedade pós-moderna.

Com isso, entende-se que este estudo não é conclusivo e apresenta apenas alguns pontos de análise e reflexão acerca do desenvolvimento do meio rural através da inserção da atividade turística.



## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALMEIDA, Joaquin Anécio; FROEHLICH, José Marcos; RIEDL, Mário. **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

ARAUJO, Silvana Miceli. **Artifício e Auenticidade**: o turismo como experiência antropológica. In BARRETTO, Margarita; BANDUCCI, Álvaro Jr. **Turismo e Identidade Local**: Uma visão Antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BRASIL. Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br>. Acesso em: 20 outubro de 2005.

CALLS, J. CAPELLÀ, J. VAQUÈ, E. **El Turismo en el desarrollo rural en España**. Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación. Madrid, 1995.

CAVACO, Carminda. “O mundo rural português: desafios e futuros”. In RODRIGUES, Adyr Balestreli. **Turismo Rural**: Práticas e Perspectivas. São Paulo, SP: Contexto, 2001.

COSTA BEBER, Ana Maria. **As mudanças socioculturais no turismo rural**: o caso de uma pousada familiar. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Caxias do Sul, RS: 2004.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **Turismo e o “resgate da cultura pataxó**. In BANDUCCI, Álvaro Jr; BARRETTO, Margarita. *Turismo e Identidade Local*: uma visão Antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MARTÍNEZ, Francisco Juan; MONZONÍS, Javier Solsona. **Alojamiento turístico rural**: gestion y comercialización. Espana, Editorial síntesis, 2000.

OLIVEN, Ruben George. *Nación y Modernidad*: la reinveinción de la identidad gaúcha en el Brasil. Buenos Aires, AR: Editoria Eudeba-Universidad de Buenos Aires, 1999.

PERES, Alejandra. **Impactos Turísticos**: su percepción por parte de la población anfitriona. Caso Villa la Angostura. Estudios e Pespectivas en Turismo. Coleção 8, nº 01 y 02, 1999, pp. 5-23.

SANTANA, Augustín. **Antropologia y Turismo**: Nuevas Hordas, Viejas Culturas? Barcelona, Espanha: Editorial Ariel, S.A., 1997.

SANTANA, Augustín T. “O rural como produto turístico: algo de novo brilha sob o sol?” In SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Torini; LUCHIARI, Maria Tereza. **Olhares Contemporâneos do Turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

SANTANA, Augustín T. “Desarrollos e conflictos en torno al turismo rural: claves y dilemas desde la antropología social”. In RIEDL, Mário; ALMEIDA Joaquin A.

SCHNEIDER, Sergio. **Turismo em Comunidades Rurais**: inclusão social por meio de atividades não agrícolas. In Turismo Social: diálogos do turismo: uma viagem de inclusão. Ministério do Turismo, Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Rio de Janeiro: IBAM, 2006.

SILVA, José Graziano da. **O Novo Rural Brasileiro**. 2º ed. Ver. 1ªa. reimpr.. Campinas, SP: Unicamp. IE, 2002

SMITH, Valene. **Anfitriones e Invitados**: Antropología del Turismo. 2º ed. Philadelphia University Press, 1989.